
DO ASFALTO À ESTRADA DE BARRO: VIVÊNCIAS NA TABANCA DE SABOR BALANTA EM GUINÉ-BISSAU

Nelson Cortes Pacheco Junior

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Geociências.

n229211@dac.unicamp.br

RESUMO

É fundante para o nosso modo de ser a vivência no lugar, pois o mesmo longe de qualquer perspectiva que possa apresentar é dotado de dinamismo e movimento. Sendo assim o presente artigo, busca abordar o cotidiano de uma *tabanca* guineense, onde a experiência religiosa é capaz de conduzir a maneira como a lugaridade se vela e desvela. Com isso, através observação participante, buscamos acompanhar e vivenciar o dia a dia na *tabanca* de Sabor Balanta, localizada ao norte da capital Bissau, onde destaca-se a importância da oralidade para o “acontecer” da pesquisa, pois a maior parcela da população que habita na tabanca, não sabe ler e escrever.

Palavras- chave: Vivência. Modo de ser. *Dasein*. Experiência religiosa.

FROM ASPHALT TO CLAY ROAD: EXPERIENCES AT TABANCA DE SABOR BALANTA IN GUINEA-BISSAU

ABSTRACT

It is fundamental for our way of being to experience the place, because the same, far from any perspective it may present, is endowed with dynamism and movement. Therefore, the present article seeks to address the daily life of a Guinean *tabanca*, where the religious experience is capable of leading the way in which the place is veiled and unveiled. With this, through participant observation, we seek to follow and experience the day to day in the *Tabanca de Sabor Balanta*, located north of the capital Bissau, where the importance of orality for the “happening” of the research is highlighted, since the largest portion of the population who lives in the *tabanca*, does not know how to read and write.

Keywords: Experience. Way of being. *Dasein*. Religious experience.

CAMINHOS INICIAIS

Como devemos realizar a reflexão em relação ao lugar para além da teoria? Esse é um questionamento importante quando pensamos o como as pessoas vivem neles.

Nesse sentido, nada melhor que vivenciarmos o dia a dia com as pessoas que através do compartilhamento das suas experiências contribuem na composição dos lugares.

Assim, o presente artigo aborda as lugaridades que cooperam na constituição da *tabanca* de Sabor Balanta, localizada a nordeste da cidade de Bissau que por sua vez é a capital de Guiné-Bissau. Um dos aspectos da vivência dos habitantes na *tabanca* que influencia o cotidiano e por sua vez o lugar se dá mediante a experiência religiosa que possui grande importância no contexto guineense nos mais variados sentidos. A religiosidade está diretamente ligada à constituição de cada sociedade local e da relação que está possui com o seu *tchon*, palavra que na língua portuguesa significa chão. Tal ligação perpassa o sentido da simples materialidade, sendo ligado a própria existência do guineense.

Ressaltamos que o trabalho de campo ocorreu quando da nossa pesquisa relacionada à lugaridade entre os guineenses e missionários protestantes em Guiné-Bissau, entre os meses de fevereiro a março de 2019 (PACHECO JUNIOR, 2019), onde como proposta metodológica utilizamos a observação participante, visando através da vivência com as pessoas na tabanca, refletir em relação aos seus modos de vida e o como essa se desvela no lugar.

Assim, durante a nossa visita acompanhamos uma família guineense protestante que se relacionava com as pessoas em Sabor Balanta, independente da religiosidade exercida pelos habitantes. Com isso nesse relato de campo, apresentamos alguns aspectos do cotidiano de uma *tabanca*, comunidade localizada em zona rural, e como através da experiência religiosa os seus habitantes constituem o lugar.

DO ASFALTO À ESTRADA DE BARRO: ADENTRANDO A TABANCA

Dois dias após a minha chegada em Guiné-Bissau, estava começando a me adaptar ao fuso e às orações muçulmanas antes do nascer do Sol e os primeiros sinais de que passaria todo o meu período no país com renite, sinusite, tosse alérgica e tomando remédio caseiro feito por pela Clarisse, companheira do dono da casa onde estava hospedado, já estavam dados. Estava, também, gostando do café da manhã, sempre me dirigia a loja de “tudo”, como citava Amim, companheiro de Clarisse, que

vendia de biscoito a material hidráulico. O pão era um destaque à parte, muito saboroso, uma espécie de baguete com a massa idêntica ao do pão ázimo ou asmo¹.

Se aproximava a ocasião de sair de Bissau e iniciar a trajetória nas áreas rurais do país. Enquanto Amim colocava óleo no carro, pois ele tinha um vazamento no motor, ficamos conversando sobre para onde iríamos. Uma lembrança que não posso deixar escapar é que quando o avião aterrissou no país, além dos filmes e da leitura do livro de Eric Dardel, eu também tinha feito o roteiro de quais localidades visitaria, durante as intermináveis 20 horas de viagem entre o Rio de Janeiro/Lisboa/Bissau, tudo em voo! Quando Clarisse leu o roteiro, ela deu uma risada e mostrou a Amim. Eles me alertaram que no meu planejamento estava faltando várias localidades nas quais poderíamos visitar e que várias delas não constavam nem nos mapas. Foi nesse momento que os dois me perguntaram se eu podia deixar por conta deles elaborarem um novo roteiro, solicitação esta que concordei.

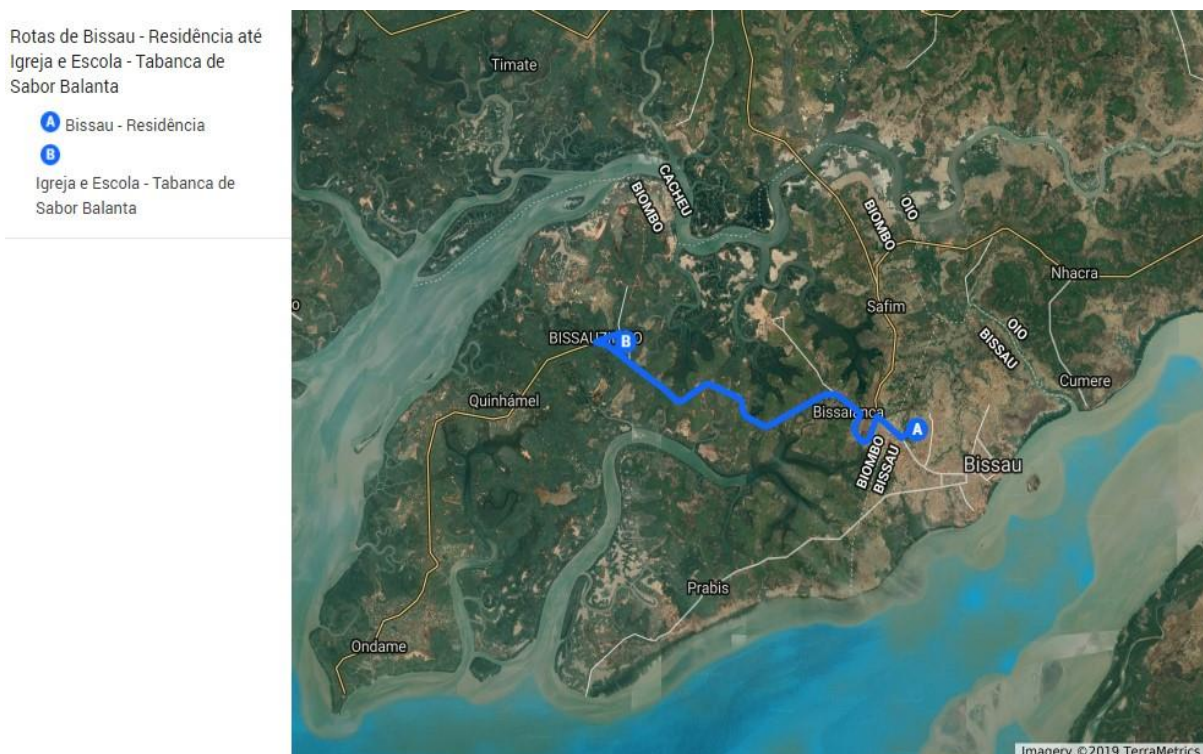
O primeiro local visitado foi a Igreja Missionária na *tabanca* de Sabor Balanta. Durante a explicação deles sobre esse “novo roteiro”, a maioria das localidades apresentavam a expressão *tabanca* em seu nome. Essa repetição aguçou a minha curiosidade em relação ao significado dessa palavra, foi então que perguntei a Clarisse. Ela me respondeu que *tabanca* era o nome dado as comunidades situadas na área considerada rural e que deveria considerá-la como, se no Brasil, fosse um vilarejo formado por grupos de pessoas que compõem uma mesma sociedade local ou mesmo laços de amizade (ANSELLE, 2014). Tais comunidades situam-se predominantemente no norte e nordeste do país, e que são praticamente apenas conhecidas por guineenses que são originários dessas áreas.

Seguindo o nosso caminho, aproximadamente às 16:30 h² saímos em direção à *tabanca* de Sabor Balanta, que se localiza a aproximadamente 35 minutos da residência onde estava hospedado (Fig. 1). Entramos no carro e nos dirigimos do Setor Autônomo de Bissau por uma estrada asfaltada que tinha “boas condições” até Bissalanca. Era a primeira vez efetivamente que estava saindo da “comodidade” da capital, depois de algum tempo percorrido a situação do asfalto foi se deteriorando.

¹ Que é um pão meio que achatado feito com farinha de trigo, água, sal e sem fermento, no caso do consumido por nós.

² Horário de Bissau.

Figura. 1 - Rota Bissau / tabanca de Sabor Balanta (Guiné-Bissau, 2019).



Fonte: Google My Maps, 2019. Elaboração: PACHECO JUNIOR, 2020.

Após meia hora de viagem, praticamente não passavam mais carros ou qualquer outro veículo por nós. Assim a estrada foi ficando com menos movimento e, também, a impressão era que a quantidade de poeira e mesmo o calor tinham crescido vertiginosamente. Então busquei alguma informação em relação à previsão do tempo no aparelho celular, que nessa área, para minha surpresa, a internet ainda funcionava, e ele detectava sensação térmica de 44°C. Foi quando Amim diminuiu a velocidade e à nossa direita tinha uma pequena estrada de terra batida, cercada por vegetação de ambos os lados. Era o caminho que levava à *tabanca*, então adentramos a mesma e o carro sacolejava o tempo todo.

Em algum momento pensei que estávamos em um caminho sem fim, pois apenas observava vegetação e sentia o balanço do carro até que avistei as primeiras residências (Fig. 2), grandes, sendo o material da construção constituído por tijolos de barro feitos de maneira artesanal, já que o mesmo, industrializado é extremamente caro. As casas não possuíam, sistema de água encanada, saneamento básico ou energia elétrica.

Figura. 2 – Residências na entrada da tabanca de Sabor Balanta (Guiné-Bissau, 2019).



Fonte: PACHECO JUNIOR, 2019.

Íamos passando pelo caminho e as pessoas acenavam para nós com um sorriso em seus rostos. As crianças eram um destaque à parte, animadas, e aparentavam estar felizes com a nossa presença. Como já tinha me alertado, elas ficavam aguardando descermos do carro para fazer questão de segurar a nossa mão e receberem um abraço. Isso foi bem impactante, sinceramente fiquei sem reação, pois as crianças nos abraçavam e nos seguia, fazendo com que Amim falasse com eles para ficarem ali pois não deveriam se afastar de casa sem a autorização de seus pais.

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS: MODOS DE SER NO LUGAR

Fui convidado pelo dono de uma casa para adentrá-la, no fundo desse terreno algumas pessoas estavam trabalhando no cultivo de aipim para o próprio sustento e para vender na estrada. Mesmo se dizendo adepto ao cristianismo, ele respeitava os seus familiares que também acreditam na existência de um Deus Onipotente e criador que se comunica através dos *irans*³, e enviam suas mensagens aos sacerdotes que

³ São conhecidos como espíritos sagrados que podem proteger ou punir, sendo também almas de antepassados e ligados a determinados momentos da vida de seus adeptos (AUGEL, 2007, p.93)

nessa região são conhecidos como baloberos⁴, que realizam seus cultos nas balobas, locais marcados por uma determinada árvore que é considerada sagrada.

Com todas as dificuldades, Lomane, o dono da residência, se apresentava animado com algumas promessas feitas por políticos que a *tabanca* receberia um gerador de energia solar. Nos despedimos, pois já se aproximava o horário do início do culto protestante e ainda passaríamos em mais três casas.

Visitei outras três famílias que residiam no mesmo terreno. Nessas visitas, como em outras, me foi pedido para não registrar imagens, pois a algumas pessoas acreditavam que registro, filmagens ou coisas do gênero lhe retirariam suas almas⁵.

Enquanto Amim dialogava com as pessoas, peguei minha caderneta e fiquei fazendo algumas anotações para não me fugirem da memória o que estava vivenciando e fiz uma reflexão sobre o que significava a presença dos missionários naquele contexto. Que desafio! Pois a Geografia que fazemos no Brasil ainda não explorou toda a sua capacidade de contribuir com a pesquisa em relação ao fenômeno religioso, apesar do crescimento do tema no meio acadêmico, incentivados inicialmente pelos trabalhos de Zeny Rosendahl e Sylvio Fausto Gil Filho.

Essa questão do nosso modo de ser no mundo é um assunto consideravelmente complexo. Minhas reflexões têm como base o pensamento de Heidegger (2018), filósofo alemão que buscou entender a existencialidade do Ser e as suas relações. Assim, é através do *Dasein* que o ser humano vive o seu modo de ser e a sua existência onde vai habitar.

Com isso, compreendo *Dasein* como o ente que somos considerando tanto a nossa objetividade como subjetividade, além de ponderar a nossa capacidade de questionamento em relação aos outros entes. Essa capacidade de questionamento do ente, ocorre, pelo seu Ser que questiona não apenas ao outro como a si próprio no mundo. Essa relação do Ser com o mundo, denota a existência de uma espacialidade, onde ocorrem as relações deste com o outro, como aborda Heidegger (2018), existe uma impossibilidade de pensar. Ser e mundo de maneiras separadas, pois o *Dasein*, compreende seu modo de ser estando no mundo. Assim nesse mundo não estamos

⁴ Normalmente a prática na região fica conhecida a partir da denominação do sacerdote. Por exemplo: onde o sacerdote recebe a denominação balobero os adeptos são conhecidos como baloberos.

⁵ Assim apenas foram registradas fotos, quando as pessoas autorizavam.

só, com isso, o *Dasein* que sou estabelecerá relações com o outro, nesse sentido estamos sempre co-presentes.

Considerando esse outro na premissa heideggeriana, este não significa todo o resto dos demais além de mim, do qual o Eu se isolaria, ao contrário, são eles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, sendo aqueles entre os quais também se está (HEIDEGGER, 2018). Nesse entendimento o modo de ser-no-mundo, também é ser-com. Essa co-presença faz com que venhamos a viver em um mundo compartilhado, porque o viver é sempre convivência que é essencial para a constituição de lugaridades e da existência da própria prática religiosa.

Depois dessas visitas, caminhamos por uns cinco minutos pela trilha de terra batida e chegamos na Igreja Missionária que se destaca na paisagem da tabanca (Fig.3). Um fato a ser considerado é que na localidade onde ocorre a atuação dos protestantes, sejam eles guineenses ou missionários oriundos de outros países, se busca contribuir para com os moradores, através, da prestação de algum serviço.

Normalmente, como em Sabor Balanta, o terreno onde o templo se situa é cedido pela pelos habitantes da *tabanca*, ou seja, existe uma autorização das lideranças locais que permitem ou não a presença protestante que também deve possuir o compromisso de respeitar as pessoas enquanto a sua opção religiosa.

Figura 3 – Igreja Missionária na *tabanca* de Sabor Balanta (Guiné-Bissau, 2019).



Fonte: PACHECO JUNIOR, 2019.

Vale destacar que frequentávamos pelo menos duas vezes na semana a *tabanca*, normalmente as terças e sextas feiras, era comum ao chegarmos, os habitantes de Sabor Balanta e Amim, ficassem conversando sobre os acontecimentos do cotidiano deles ou ficavam refletindo há como construir novos poços de água para atender os moradores (PACHECO JUNIOR, 2020). Essa questão é complexa, pois existe apenas um para atender toda população local (Fig. 4).

Figura. 4 – Poço comunitário da *tabanca* de Sabor Balanta (Guiné-Bissau, 2019).



Fonte: PACHECO JUNIOR, 2019.

Nesse sentido, o período que visitei a *tabanca*, contribuiu para a importância dessas interações entre eles. Lembrando uma questão abordada por Heidegger (2018), onde na constituição do modo de ser-no-mundo já está intrínseca a consciência desse um-ao-lado, onde esse um apreende o outro, fazendo com que essas interações venham a conduzir ao compartilhamento das experiências no mundo.

Essas relações complexas são fundamentais para a existência do lugar, entendendo Sabor Balanta como tal, e fazer parte do mesmo não é um acontecimento que ocorre de “uma hora para outra”, pois como aborda Saramago (2012, p.205), “um lugar é sempre um onde particular, com caráter próprio, construído ao longo de um tempo. Essa identidade é partilhada, muito estreitamente, com os entes que neles se encontram”.

Não basta ao visitante ir a uma localidade e realizar apenas um cerimonial, entrar em seu veículo e viver em uma “redoma de vidro”, alheio ao que acontece com quem justamente ele deve ter uma ligação. Se faz necessário viver a *tabanca*, se colocar no lugar desse outro e experienciar essa vivência, pois, “a experiência da vida é mais do que mera experiência de tomada de conhecimento. Ela significa a plena colocação ativa e passiva do homem no mundo” (HEIDEGGER, 2014, p.15-16). Assim, por maior que seja a disponibilidade e os avanços dos meios de comunicações, estes não alcançam alguns lugares pelos mais variados motivos.

A PRESENÇA PROTESTANTE NA TABANCA

As reuniões protestantes eram frequentadas por um bom número de pessoas (Fig.5), predominantemente crianças e jovens. Uma das explicações é que os adultos já professam outras religiões, o que não é um impeditivo para que eles frequentem os cultos, pois em Guiné-Bissau existe um intenso sincretismo religioso.

Figura 5. - Culto na Igreja Missionária em Sabor Balanta (Guiné-Bissau, 2019).



FONTE: PACHECO JUNIOR, 2019.

Assim durante as reuniões, relacionados presentes buscavam à manifestação do sagrado, que ocorre “sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente da realidade do cotidiano” (ELIADE, 2011, p.33). Era como se as pessoas

esquecessem de todo aquele contexto na qual vivem. Tal situação contribui para que realmente o ritual tenha um sentido existencial para uma dada pessoa, pois, “uma religião é sentida como verdadeira na medida em que ajuda o máximo possível aos fiéis viverem entre ligação com Deus” (MESLIN, 2014, p.46).

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CAMINHOS A PROSSEGUIR

A *tabanca* é cheia de vida, demonstrando que o lugar é constituído pelo compartilhamento de experiências, pois elas são fundamentais para a existência do mundo compartilhado, na constituição dos lugares que só existem devido a presença dos seres humanos que por sua vez compartilham sentimentos, sensações e modos de ser.

Nesse contexto, mesmo com toda a tecnologia de comunicação existente, está não consegue suprir esse estar um-ao-lado-do-outro, até mesmo porque diversas localidades não são contempladas pelas “poderosas” redes sociais. Com isso, locais é a fala, o aperto de mão, o dividir o alimento entre tantos outros gestos que possuem a força para estreitar, ou não, as relações entre as pessoas.

Sendo assim, buscamos apresentar a importância do fenômeno religioso como um dos aspectos que estão presentes no dia a dia e nas relações entre as pessoas nos lugares. Principalmente no contexto guineense, onde a prática religiosa influencia diretamente no modo-de-ser do habitante da *tabanca*, desde a sua vida familiar à coletividade local.

REFERÊNCIAS

AMSELLE, Jean- Loup. Etnias e espaços: para uma antropologia topológica. In: AMSELLE, Jean- Loup; M'BOKOLO, Elikia. **Pelos meandros da etnia**. Etnias, tribalismo e Estado em África. Mangalde: Edições Pedagogo, LDA, 2014.

AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro**. Nação, Identidades e Pós-Colonialismo na Literatura de Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões (trad. Rogério Fernandes). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa** (trad. Enio Paulo Giachini / Jairo Ferrandin / Renato Kirchner). Petrópolis: Editora Vozes / Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (trad. Marcia Sá Cavalcanti). Petrópolis: Editora Vozes / Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (Org.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa**. A experiência humana do divino. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

PACHECO JUNIOR, Nelson Cortes. **Da capital às tabancas: A lugaridade entre os guineenses e os missionários protestantes em Guiné-Bissau**, 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia). Campos dos Goytacazes: Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional / Universidade Federal Fluminense, p.164.

SARAMAGO, Lúcia. Como Ponta de Lança: O Pensamento do Lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (Org.) **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia e fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.